

A mamoa nº 10 do Chão da Cheira (Maciço do Borrelho - Vila Verde)¹

Ana M. S. BETTENCOURT²

Resumo:

Publica-se o resultado da escavação da mamoa nº 10 do Chão da Cheira e insere-se o monumento numa fase antiga do megalitismo do Norte de Portugal, mais concretamente, nos meados do IVº milénio A.C.

Abstract:

This paper offers the results of the excavation of Chão da Cheira 10, a megalithic tomb, situated in the North of Portugal. The architecture, the material data and the radiocarbon dates place the monument in the middle Neolithic (fourth millenium B.C.).

Palavras chave:

Norte de Portugal; Megalitismo; Neolítico.

Key words:

North of Portugal; Megalithism; Neolithic.

1. OBJECTIVOS

Se, de facto, alguns monumentos de tradição megalítica pautados por uma certa opacidade na paisagem e de pequenas dimensões, existentes no Norte e Centro-Norte de Portugal, se podem atribuir à Idade do Bronze³ e se o projecto que desenvolvemos para a bacia do médio Cávado se reporta a esse período⁴, o monumento em causa, pelas suas características de superfície (o mais reduzido e o menos perceptível na paisagem, situando-se a cerca de 27m daquele que se apresenta como um dos maiores da necrópole do Borrelho, a mamoa nº 7), mereceu naturalmente, a nossa atenção. Foram aliás as particularidades apontadas que nos fizeram optar por escavar este e não outro monumento, na esperança de detectar algo de semelhante ao encontrado por Philine Kalb, na Fonte da Malga, em Viseu⁵.

¹ O espólio e os perfis foram desenhados por Alfredo Barbosa e as plantas por Quenor Rocha da U.A.U.M.

² Unidade de Arqueologia da Universidade do Minho, Av. Central, 39, 4710 Braga. Correio Electrónico: Anabett@ci.uminho.pt

³ JORGE 1991: 97; KALB 1979.

⁴ O projecto da signatária compreende o estudo das comunidades humanas da bacia do curso médio do rio Cávado, desde o IIº milénio até aos meados do Iº milénio A.C.

⁵ A campanha de escavação contou com a presença de Alfredo Vieira, António Cunha, Daniel Seabra, Eduardo Dantas, Isabel Marques, João Leal, Margarida Peixoto, Maria do Rosário Pires, Nelson Silva, Nuno Correia, Olga Soares, Paula Leite, Rosa Costa e Sebastião Peixoto. O levantamento topográfico foi efectuado por José Manuel Leite, da Unidade de Arqueologia da Universidade do Minho e os trabalhos de gabinete por Rui Rodrigues.

Outro objectivo, subjacente a este trabalho, foi a tentativa de conectarmos o imóvel com possíveis estruturas de “habitat” existentes no planalto ou na área periférica. O nosso interesse visou igualmente o estudo da estrutura arquitectónica do monumento e a sua relação com o(s) ritual(ais) de enterramento e cronologia(s) de construção/ocupação. A inteligibilidade do monumento na paisagem, isto é, a sua relação simbólica com o espaço físico e de necrópole, é um trabalho que nos propomos realizar futuramente.

2. QUADRO AMBIENTAL E ARQUEOLÓGICO

Considerámos como pertencente ao maciço do Borrelho toda a região compreendida, *grosso modo*, entre o Moinho Velho e o monte de S. Miguel-o-Anjo. Seguindo um critério hidrográfico delimitámos o maciço a Norte e Oeste pelo rio Neiva, a Sul, pela ribeira do Rojão e a Este, pelas ribeiras de Silvares, do Tojal e da Veiga, todas elas pertencentes à bacia hidrográfica do rio Homem, afluente do Cávado. Evidentemente que se trata de uma subdivisão algo arbitrária pois estamos em presença de prolongamentos, para Sudoeste, dos contrafortes da Serra Amarela.

A necrópole megalítica, que integra o imóvel em estudo, ocupa os planaltos superiores do maciço, numa área de cerca de 6,5Km, no sentido NE-SW. A designação de Borrelho, advém-lhe do monte epónimo, à cota de 496m, a mais elevada da zona.

Segundo a “Carta Geológica de Portugal”, na escala de 1:50.000, folha 5-B (Ponte da Barca), de 1974, a região caracteriza-se pela presença de rochas eruptivas, nomeadamente granitos calco-alcalinios de duas micas, porfiróides e não porfiróides, de grão grosseiro ou médio. Ocorrem com frequência filões quartzosos e de rochas básicas.

A estrutura hidrográfica é de tipo secundário e terciário e os recursos mais comuns são as nascentes, os lameiros e os regatos. O regime hídrico é intermitente. Os solos actuais são de tipo “ranker” e estão sujeitos a um processo erosivo considerável. Segundo a “Carta Geral de Ordenamento Agrário”, nº 42, esc. 1:25.000, os solos são de classe F, ou seja, de utilização não agrícola. A paisagem actual é essencialmente aberta predominando uma vegetação arbustiva e herbácea, com resquícios arbóreos de pereira selvagem e algumas manchas de pinheiros e eucaliptos de introdução recente. Os planaltos são percorridos por rebanhos de gado bovino, caprino e equino.

A necrópole de tradição megalítica do maciço do Borrelho, que conta actualmente com trinta e seis monumentos inventariados e cartografados⁶, integra túmulos isolados na paisagem ou agrupados. A mamoa 10 da Cheira insere-se num conjunto de quatro ou cinco monumentos, que

⁶ Apesar das referências de V. O. Jorge (1982) e H. Regalo (1986) a monumentos megalíticos no planalto do Bustelo, designação que modificámos por não corresponder à toponímia local, só de 1990 a 1992 se realizaram trabalhos de prospecção sistemática, visando inventariar, cartografar e descrever pormenorizadamente os vestígios arqueológicos do maciço do Borrelho. Este trabalho contou com a colaboração de vários alunos da Universidade do Minho, inscritos na disciplina de Pré-História, e, de forma mais sistemática, com o apoio de Ildefonso Ramirez e de Paulo Araújo, em anos subsequentes. Os trabalhos de cartografia foram efectuados pelo gabinete de Topografia da Câmara Municipal de Vila Verde, a quem agradecemos.

não distam entre si mais de 150m e que denominamos de núcleo 3 do Chão da Cheira⁷ (Est.II-1).

Administrativamente a necrópole situa-se na província do Baixo Minho, distrito de Braga, concelho de Vila Verde, freguesias de Carreiras, Codeceda, Dossãos, Duas Igrejas, Godinhaços, Gondiaães, Mós, Pedregais, Pico de Regalados e Portela das Cabras.

A mamoa 10 localiza-se na freguesia de Gondiaães. As coordenadas Gauss, segundo a “Carta Militar de Portugal”, na escala de 1:25.000, folha n° 42 (Vila Verde), levantamento de 1948, são as seguintes: M= 173,2; P= 525,5, à cota de 471m (Est. II-2).

3. METODOLOGIA

Procedemos à limpeza e quadriculagem da área de inserção do monumento (12m x 12m), efectuando posteriormente o levantamento topográfico metro por metro. Fizemos corresponder o nível “0”, convencional, ao ponto mais alto do esteio da mamoa contígua, a n° 7. Após o desenho dos elementos pétreos que afloravam à superfície iniciámos a escavação pela abertura de quatro sanjas de 1,5 m de largura cada, segundo a orientação dos pontos cardeais: a sanja Norte, a Sul, a Oeste e a Este (Est. IV).

A decapagem dos quadrados C2, C3 e E3, abertos posteriormente, tornava-se conveniente para percebermos, de forma mais aproximada, o diâmetro do monumento. Do mesmo modo, a escavação dos quadrados E5, E4, D5, D4 e parte do C5 permitiram precisar a área da câmara. Decapadas em área todas as sanjas e quadrados, procedemos ao desenho e fotografia da couraça lítica, cotando-a quando necessário. Na fase seguinte, iniciámos a desmontagem da estrutura pétreo e a escavação das terras do *tumulus* até à rocha de base, nas sanjas Este, Oeste e Sul. Obtivemos perfis estratigráficos, também eles desenhados e fotografados.

Simultaneamente, parte da zona que parecia corresponder à câmara foi alvo de intervenção; iniciámos os trabalhos pelos quadrados D4 e E4, que ligavam as sanjas Este e Oeste e obtivemos um perfil elucidativo do enchimento desta (Est. VI-2). Posteriormente, escavámos o quadrado D⁵ e parte do C⁵ numa tentativa de melhor compreendermos a câmara deste monumento ou a sua área de violação. Foi elaborada a planta (Est. VII) e o alçado do único fragmento de esteio encontrado *in situ*. A escavação desta área foi efectuada por planos artificiais de 10cm em 10cm.

4. ESCAVAÇÃO

4.1. A SANJA ESTE

A escavação dos quadrados E4, F4, G4 e H4, permitiu detectar a couraça lítica superficial, assente directamente sobre as terras do *tumulus* e a inexistência de qualquer estrutura de con-

⁷ Tomando como ponto central o monumento estudado teremos a mamoa n° 7, de grandes dimensões e bem perceptível na paisagem, a cerca de 27m a Nordeste, a mamoa n° 8, relativamente pequena mas perceptível na paisagem, a cerca de 60 metros a Norte e a mamoa n° 9, a cerca de 60m a Noroeste, já destruída, mas que pelas informações orais e pela quantidade de pedras da couraça, ainda encontradas no local, parece ter sido de grandes dimensões. Uma outra mamoa, hipotética, encontrar-se-ia a cerca de 50m a Este da n° 10.

traforte. No quadrado H4 existiam alguns blocos líticos, que pela sua obliquidade em relação aos restantes, pareciam constituir o fecho da couraça. No quadrado E4 a couraça encontrava-se perturbada pela vala de violação da câmara. Nos limites dos quadrados F4 e G4 a disposição de alguns blocos líticos, bem como a sua semelhança de cota (-1,25m de média), parecem demonstrar a existência de um semi-anel intermédio que não foi detectado nas outras sanjas. A partir desta estrutura a couraça não se apresenta de forma contínua até ao seu fecho, sem que possamos saber se tal resultou de uma perturbação recente ou de um acto intencional das comunidades construtoras ou utilizadoras do monumento. A altura máxima desta estrutura atingia cerca de 0,72m.

A estratigrafia é composta por cinco camadas (Est. VI-1):

- C1 – Terras húmidas superficiais, castanhas, granulosas, heterogéneas, com profusão de raízes.
- C2 – Couraça superficial composta por um aglomerado de blocos graníticos relativamente imbricados uns nos outros, mas bastante descontínua.
- C3 – Terras castanho-escuras, granulosas, heterogéneas, algo compactas, com manchas ou bolsas de carvões.
- C4 – Arena granítica.
- C5 – Rocha de base.

Foi desenhado o perfil Norte deste corte.

4.2. A SANJA OESTE

A decapagem inicial dos quadrados A4, B4, C4 e D4 tornou evidente a presença da couraça lítica superficial, bastante desorganizada, quer na zona de fecho, quer na zona de contacto com a câmara. A continuação da escavação demonstrou que esta estrutura assentava directamente sobre as terras do *tumulus*. Não encontramos qualquer indício de contraforte. A altura máxima da couraça atingia cerca de 0,70m.

Estratigrafia (Est. VI-1):

- C1 – Terras húmidas superficiais, castanhas, granulosas, heterogéneas, com profusão de raízes.
- C2 – Couraça superficial composta por um aglomerado de blocos graníticos relativamente imbricados uns nos outros.
- C3 – Terras castanho-escuras, granulosas, heterogéneas, algo compactas, com manchas ou bolsas de carvões.
- C4 – Arena granítica.
- C5 – Rocha de base.

Foi desenhado o perfil Norte deste corte.

4.3. A sanja Sul

Nesta sanja foram escavados quatro quadrados de 1,5m de lado. Constatámos a existência de uma couraça lítica superficial que cobria as terras do *tumulus*. No encontro dos quadrados E6 e E7, detectamos o fecho da couraça, composto por uma aglomeração de blocos líticos de maior porte e dispostos obliquamente em relação aos restantes. Os blocos dispostos, de forma dispersa e caótica, nos quadrados E7 e E8 devem corresponder a derrubes da couraça lítica.

Na metade Norte do quadrado E5 a couraça encontrava-se perturbada provavelmente devido a violações provocadas na zona da câmara. A altura máxima desta estrutura correspondia a cerca de 0,70m. A continuação da escavação mostrou a inexistência de qualquer estrutura de contraforte e de vestígios de um solo antigo enterrado. A couraça pétreia é pequena e está relativamente bem conservada.

A estratigrafia observada caracterizava-se por quatro camadas que passaremos a descrever (Est. VI-3):

- C1 – Terras húmusas superficiais, castanhas, granulosas, heterogéneas, com profusão de raízes.
- C2 – Couraça superficial composta por blocos graníticos imbricados uns nos outros.
- C3 – Terras castanho-escuras, granulosas, heterogéneas, algo compactas, com manchas ou bolsas de carvões.
- C4 – Não existe neste perfil.
- C5 – Rocha de base.

Foi desenhado o perfil Este deste corte.

4.4. A SANJA NORTE E OS QUADRADOS C2, C3 E E3

A escavação dos quadrados C2, C3 e E3, bem como os da sanja Norte: D1, D2 e D4, permitiu precisar a área de violação da câmara, a forma circular da mamoa, de cerca de 10m de diâmetro e mostrar que a periferia da couraça se constituía por blocos líticos, frequentemente de forma alongada, dispostos obliquamente em relação aos restantes. Não desmontámos esta sanja. As várias perturbações existentes na couraça parecem resultar de alterações provocadas por agentes de ordem física.

4.5. A CÂMARA

Escavámos integralmente o recinto da câmara cujo enchimento se encontrava totalmente revolvido. O remeximento está comprovado pela estratigrafia, embora de forma não muito explícita, pela disposição caótica do espólio e dos fragmentos de esteios e pela destruição da própria câmara. Os perfis Norte e Sul dos quadrados C4, D4 e E4, são disso demonstrativos (Est. VI-2).

O perfil Norte dos quadrados D4 e E4 permitiu-nos obter uma leitura das alterações sofridas pelo monumento. Distinguimos:

- C1 – Terras húmosas superficiais, castanhas, granulosas, heterogéneas, com profusão de raízes.
- C3 – Terras castanho-escuras, granulosas, heterogéneas, algo compactas, com manchas ou bolsas de carvões. Semelhantes à camada 3 das outras sanjas. Deverá corresponder a terras do *tumulus* que se depositaram nesta zona após a violação.
- C3a – Terras castanhas, muito heterogéneas, com bolsas de arena. Camada de revolvimento.
- C4 – Arena granítica.
- C5 – Rocha de base.

Neste perfil não é muito nítida a violação da câmara, quer pela sua posição algo periférica em relação à mesma, quer pela inexistência de estruturas de contrafortagem que terão permitido um escorregamento das terras do *tumulus* para a zona perturbada, dificultando aí a acumulação de uma camada estratigráfica distinta. De qualquer modo, a camada 3a, que interpretamos como de revolvimento, deverá relacionar-se com antigas perturbações sofridas na câmara.

O perfil Sul dos quadrados C4, D4 e E4 demonstra as alterações sofridas, na área da câmara, de forma mais evidente do que o anterior. É composto por (Est. VI-2):

- C1 – Terras húmosas, castanhas, granulosas, heterogéneas, com profusão de raízes.
- C1a – Terras castanho-escuras, compactas, por vezes granulosas, principalmente no topo vala de violação da câmara.
- C3 – Terras castanho-escuras, granulosas, heterogéneas, algo compactas, com manchas ou bolsas de carvões.
- C4 – Arena granítica.
- C5 – Rocha de base.

As escavações neste recinto permitiram-nos concluir que a câmara deste monumento se encontrava muito destruída. O único fragmento localizado refere-se à base de um esteio *in situ*, com 0,44m de largura, 0,28m de altura e 0,15 m de espessura e situava-se no limite Norte do quadrado D4 (Est. VI-1). Uma análise cuidada da base deste ortostato, o nº 1, demonstrou que o mesmo foi colocado numa vala aberta na rocha para esse fim e “travado” com pequenas pedras, em forma de cunha. Não detectamos qualquer outro tipo de “cama” de esteio, nesta área, pelo que nos é impossível determinar a tipologia da câmara funerária.

Se atendermos à área de dispersão do espólio, esta deveria de ser pequena e talvez composta por quatro ou cinco esteios (Est. VII). Esta ilacção resulta do número de ortostatos e fragmentos dos mesmos, encontrados durante a escavação, de forma dispersa e a diferentes cotas. As dimensões dos fragmentos de esteios nº 2 e 3, cerca de 0,60m de alt. máxima, e a altura média da couraça lítica superficial, cerca de 0,70m, parecem indiciar uma câmara funerária de dimensões reduzidas.

Localização e dimensões dos fragmentos de esteio (Est. VIII).	
1 – Fragmento de base <i>in situ</i> (Quadrado D4) Alt. - 0,28m Larg. - 0,44m Esp. - 0,15m	2 – Esteio relativamente bem conservado (Quadrados D4 e E4) Alt. máxima - 0,56m Larg. - 0,33m Esp. média - 0,10m
3 – Esteio fragmentado em largura (Quadrados D4, E4 e E5) Alt. máxima - 0,64m Larg. - 0,42m Esp. média - 0,12m	4 – Fragmento de topo (Quadrados C4, C5, D4 e D5) Alt. - 0,42m Larg. máxima - 0,32m
5 – Fragmento de topo (Quadrado D5) Alt. - 0,391m Larg. máxima - 0,41m	6 – Fragmento partido em vários sentidos (Quadrado D5) 0,26m x 0,16m Esp. média - 0,10m

5. ESPÓLIO

O espólio, apesar de escasso, é composto por material lítico e cerâmico (Est. IX).

5.1. MATERIAL LÍTICO LASCADO

Micrólitos ⁸	
1 – Quadrante NW do quadrado E5. Câmara. Trapézio assimétrico longo com truncatura oblíqua e retoque marginal semi-abrupto. Comp. - 3,00cm Comp. mín. - 0,60cm Larg. - 1,20cm Esp. - 0,30cm Sílex beje opaco.	2 – Quadrado D4. Câmara. Trapézio assimétrico curto com truncatura oblíqua e retoque marginal e abrupto. Comp. máx. - 2,30cm Comp. mín. - 0,90cm Larg. - 1,20cm Esp. - 0,35cm Sílex acinzentado, opaco.

⁸ G.E.E.M. 1969: 355-366.

Lâminas e lamelas⁹	
<p>1 – Quadrado E5, quadrante NW. Câmara. Fragmento proximal de lâmina, lisa, de secção trapezoidal e talão facetado. <i>Comp.</i> - 1,30cm <i>Larg.</i> - 1,20cm <i>Esp.</i> - 0,45cm Sflex branco acinzentado, opaco.</p>	<p>2 – Quadrado G4, sanja Este. Camada 3. Fragmento proximal de lamela, retocado na face esquerda, secção trapezoidal e talão facetado. <i>Comp.</i> - 1,60cm <i>Larg. máx.</i> - 1,10cm <i>Esp.</i> - 0,25cm Sflex castanho escuro com manchas mais claras, opaco.</p>
<p>3 – Quadrado B6, superfície. Camada 1. Fragmento proximal de lâmina, retocada no lado direito, de secção semi-trapezoidal. <i>Comp. máx.</i> - 1,60cm <i>Larg.</i> - 1,70cm <i>Esp.</i> - 0,80cm Quartzo branco, semi-translúcido.</p>	

5.2. MATERIAL LÍTICO NÃO LASCADO

Vários	
<p>1 – Quadrado D5. Câmara. Enxó votiva de contorno sub-triangular, gume subrectilíneo, secção rectangular e talão ponteagudo. Foi polida intensamente em toda a superfície da peça. <i>Comp.</i> - 6,40cm <i>Larg. máx.</i> - 2,60cm <i>Larg. mín.</i> - 0,40cm <i>Esp.</i> - 0,80cm Quartzito</p>	<p>2 – Quadrado D5. Câmara. Fragmento de polidor ou de elemento móvel de moinho. <i>Comp.</i> - 9,50cm <i>Larg.</i> - 7,30cm <i>Esp.</i> - 4,90cm Granito de grão grosseiro, de duas micas.</p>
<p>3 – Quadrado H4. Couraça, camada 2. Fragmento de elemento móvel de moinho manual. <i>Comp.</i> - 11,40cm <i>Larg. máx.</i> - 10,50cm <i>Larg. mín.</i> - 9,80cm <i>Esp.</i> - 6,20cm Granito de grão fino.</p>	

⁹ MERINO 1969: 18.

Cristais de quartzo	
1 – Quadrado E5. Câmara. Cristal de quartzo semi-translúcido. <i>Comp.</i> - 1,30cm <i>Larg.</i> - 0,70cm	2 – Quadrado E4. Câmara. Cristal de quartzo semi-translúcido. <i>Comp.</i> - 1,10cm <i>Larg.</i> - 0,90cm
3 – Quadrado D5. Câmara. Aglomerado de cristais de quartzo de diferentes dimensões. Semi-translúcido. <i>Comp. global</i> - 2,35cm	4 – Quadrado E6. Cristal de quartzo semi-translúcido. <i>Comp.</i> - 2,70cm <i>Larg.</i> - 1,20cm
5 – Quadrado D4. Câmara. Cristal de quartzo semi-translúcido. <i>Comp.</i> - 1,50cm <i>Larg.</i> - 0,90cm	6 – Quadrado D4. Câmara. Cristal de quartzo semi-translúcido. <i>Comp.</i> - 1,50cm <i>Larg.</i> - 0,40cm
7 – Quadrado D4. Câmara. Conjunto de Cristais de quartzo semi-translúcido. <i>Comp.</i> - 4,80cm <i>Larg.</i> - 3,75cm	8 – Quadrado F4, Sanja Este. Camada 3. Conjunto de Cristais de quartzo semi-translúcido. <i>Comp.</i> - 4,75cm <i>Larg.</i> - 2,80cm

5.3. MATERIAL CERÂMICO

1 – Quadrado C5. Câmara. a) Dois fragmentos do mesmo recipiente cerâmico, lisos, de pasta homogénea mas com desengordurantes de quartzo, de grande e médio calibre. Fragmentos alisados no interior e exterior. Cor castanha. <i>Esp. média</i> - 0,65cm b) Fragmento liso de cerâmica manual, de pasta relativamente homogénea, com desengordurante constituído por grãos de quartzo de pequeno e médio calibre, de cor castanha-escuro ou negra, alisado no exterior e interior. <i>Esp.</i> - 0,90cm	2 – Quadrado D5. Câmara. Conjunto de três pequenos fragmentos de cerâmica manual, de pasta idêntica, com desengordurantes de quartzo de grande e médio calibre. Cor castanha. Destacamos o único que permite alguma informação em termos de perfil e técnicas decorativas. Trata-se de um fragmento de bordo, ligeiramente escavado e de lábio arredondado. É decorado com caneluras pouco profundas e dispostas obliquamente sob o bordo. Dimensões do fragmento de bordo: <i>Comp.</i> - 2,20cm <i>Esp. máx.</i> - 0,65cm <i>Esp. do bordo</i> - 0,20cm
3 – Quadrado E5. Câmara. Fragmento liso de cerâmica manual, de pasta de textura homogénea, com desengordurante constituído por grãos de quartzo de pequeno calibre e grãos de mica de médio calibre. Cor castanha-claro no exterior e castanha-escuro no interior. Apenas alisado. <i>Esp.</i> - 0,60cm <i>Comp.</i> - 4,75cm <i>Larg.</i> - 2,80cm	4 – Sanja Sul, superfície. Camada 1. Fragmento de cerâmica manual, de pasta de textura pouco homogénea, com desengordurante constituído por grãos de quartzo e mica de pequeno e médio calibre. Cor castanha-claro no exterior e castanha-escuro no interior. Apenas alisado. <i>Esp.</i> - 0,60cm

5.4. OUTRAS RECOLHAS

5.4.1. Carvões para datação radiocarbónica

Retirámos apenas uma amostra, extraída da sanja Oeste, quadrado A4, camada 3, à profundidade de 1,90m. É constituída por restos de carvões vegetais pertencentes a um tronco carbonizado, subjacente às terras do *tumulus*. Foi enviada para o L.N.E.T.I.

6. COMENTÁRIO AO ESPÓLIO ARQUEOLÓGICO

Analisando a distribuição do espólio (Est. VII) concluímos de forma imediata que este é maioritariamente proveniente da área da câmara ou da zona envolvente. O fragmento cerâmico e o resquício proximal de lâmina de quartzo, encontrados nas terras superficiais do quadrado B6, resultam, provavelmente, de anteriores violações praticadas no dólmen. Os únicos artefactos encontrados no interior das terras do *tumulus*, são os exumados na camada 3 da sanja Este. Trata-se de um fragmento de lamela, em sílex, e de um conjunto de cristais de quartzo que deverão ter sido aí depositados intencionalmente. O facto do espólio ser mais abundante na zona central do monumento traduz ser esta a área de enterramento por excelência.

A intencionalidade da utilização da sanja Este, por motivos que se devem prender com o universo conceptual das populações que tumularam e/ou construíram o monumento, poderá estar associado ao mesmo código simbólico que presidiu à construção dos monumentos com câmara aberta ou com corredor, voltados a nascente.

De um modo geral todo o espólio encontrado na área do dólmen é proveniente de camadas de revolvimento, pelo que qualquer ilacção de ordem funcional ou simbólica, sobre a sua disposição, seria inconcludente.

A maioria dos artefactos líticos lascados foram efectuados em sílex, de diferentes tipos, o que não autoriza tentativas de sincronia, entre os diversos objectos efectuados por esta matéria-prima. No entanto, a sua presença é importante, pois como suporte, provavelmente alógeno, poderá revelar contactos com o Noroeste¹⁰ ou com zonas meridionais.

Verificámos quatro tipos distintos de fabricos cerâmicos, que poderão pertencer a quatro recipientes diferentes. A única forma que registamos é a de um possível vaso fechado, representado por um fragmento de bordo com decoração canelada.

Detectamos dois fragmentos de elementos móveis de moinhos manuais; um deles foi reaproveitado como material de construção ou depositado intencionalmente, por motivos rituais, na couraça lítica da sanja Este e o outro, encontrado na área de violação da câmara.

Os cristais de quartzo são em grande número e na sua maioria provenientes da área da câmara, pelo que pensamos tratar-se de um depósito intencional. Tal tem-se verificado em monumentos megalíticos do Centro e do Norte do país, bem como da Galiza¹¹.

¹⁰ A existência de sílex em Trás-os-Montes é uma informação do Prof. Eurico Pereira, da Faculdade de Engenharia do Porto, prestada a Maria de Jesus Sanches, a quem agradecemos a advertência.

¹¹ FÁBREGAS VALCARCE 1988: 64; SANCHES 1992.

7. CONSIDERAÇÕES E PROPOSTAS

O espólio exumado, nomeadamente a existência de micrólitos¹², de lâminas e lamelas, de enxós e de cerâmica decorada com caneluras pode constituir um dado importante para o estabelecimento de uma cronologia relativa do monumento.

Como elemento de comparação servir-nos-emos dos dados obtidos para o conjunto megalítico mais bem estudado e publicado do Norte de Portugal — o da Serra da Aboboreira (Baião), cuja fase mais antiga se caracteriza por um espólio funerário bastante simples “...micrólitos geométricos, lâminas e lamelas, machados, enxós e goivas, contas de colar..., alguns raspadores e raspadeiras, elementos de moinhos manuais (estes últimos insertos na estrutura das mamoas). Os raros fragmentos cerâmicos identificados apontam para vasos maioritariamente lisos... Mas a cerâmica decorada não está ausente”¹³.

Como exemplo de monumentos onde se detectaram fragmentos cerâmicos, com decoração canelada, semelhantes aos exumados no Chão da Cheira, embora nas terras subjacentes à construção dos imóveis, salientamos o de “Chã de Santinhos 2”, cuja datação para o topo de solo antigo, se inscreve na primeira metade do IVº milénio A.C.¹⁴, o de “Furnas 2”, cujo solo antigo é datável da segunda metade do Vº milénio A.C.¹⁵, o da “Serrinha 2”¹⁶ e o de Chã de Parada 1”, cujo momento de construção se deve situar nos meados do IVº milénio A.C.¹⁷.

Se as comparações ao nível do espólio apontam para uma cronologia antiga, as características arquitectónicas da mamoa nº 10 (ausência de contraforte; montículo artificial de dimensões reduzidas em diâmetro e em altura; pequena câmara, aparentemente sem corredor, e exigua

¹² Os micrólitos são bastante frequentes nas mamoas do Centro-Norte e Norte de Portugal, desde a primeira fase do megalitismo. Ver sobre este assunto D. Cruz (1992: 74-75).

¹³ JORGE 1990: 146-148.

¹⁴ Só usámos datas calibradas neste trabalho. Quanto a Chã de Santinhos 2, V. O. Jorge (1985), refere um fragmento cerâmico com caneluras que teria sido exumado de um solo anterior à construção do monumento e selado por este. É também para este nível que se obtiveram as datas de C14 de 3960 a 3690 e de 3909 a 3640 A.C. (JORGE 1985: 113; CRUZ 1992: quadro 13).

¹⁵ Na mamoa 2 das Furnas o fragmento de cerâmica com decoração canelada foi encontrado num solo “antigo”, subjacente às terras do *tumulus*. A cronologia obtida para este solo foi a de 4332 a 3970 A.C. (JORGE; ALONSO & DELIBRIAS 1988).

¹⁶ Silva (1982: 27) refere o aparecimento de dois fragmentos de cerâmica, com decoração canelada; um teria sido detectado nas terras de remeximento da câmara megalítica e o outro, na camada 2a, na base de um esteio. O autor não interpreta esta camada mas os dados que nos fornece levam-nos a pensar que se trataria de vestígios de um solo “antigo”. O monumento a que este espólio se associa é de pequenas dimensões, baixo, com cerca de 80cm de altura, com uma couraça lítica de cerca de 10m de diâmetro e uma câmara simples, possivelmente poligonal. Quer pela arquitectura, quer pelo espólio, pensamos que o monumento se enquadrará melhor no mundo dos pequenos dólmenes de cronologia antiga, comuns no Norte de Portugal, ao contrário da cronologia recente apontada pelo autor.

¹⁷ No dólmen de Chã de Parada 1, Sanja Leste, camada 2 foi detectado um fragmento de cerâmica canelada cuja relação com as datas de radiocarbono obtidas para o monumento não são inteiramente precisas (JORGE & BETTENCOURT 1988).

A cronologia antiga, dos monumentos de corredor, tem vindo a ser corroborada pelas datas de radiocarbono de Dombate - Corunha (ALONSO & BELLO DIÉGUEZ 1995) pelas características e pelo espólio de Madorras 1, Trás-os-Montes ocidental. Neste monumento apareceram dois fragmentos de cerâmica canelada, perto da câmara e do átrio, embora em camadas de remeximento (HUET & CRUZ 1994: 202, 226). Os autores assinalam ainda a presença de vasos com caneluras em monumentos da Beira Alta que classificam como antigos (Ibidem: 212).

monumentalidade) fazem-nos lembrar a Mamoa 4 de Outeiro de Gregos¹⁸, para a qual não dispomos de datações de radiocarbono, mas que D. Cruz¹⁹ inscreve no grupo V da sua tipologia, datada hipoteticamente da 2ª metade do IIIº milénio. Estes monumentos caracterizam-se por “...*tumulus em terra, superficialmente cobertos com pedras, mas muito baixos, não ultrapassando os 80cm (incluindo o próprio solo original); por outro lado, é também de assinalar que nestes pequenos monumentos, normalmente construídos em áreas periféricas, na proximidade de outros mais antigos, a estrutura contrafortante reduz-se a uma pequena base de sustentação, bem diferentes dos contrafortes elevados e extensos dos dólmenes poligonais, abertos ou fechados... cujos esteios podem atingir mais de 2 metros de altura, com um contraforte elaborado, largo e alto, e tumulus elevado; ao nível do mobiliário, que é parco, é no entanto de assinalar que nenhum destes monumentos forneceu artefactos “arcaizantes” mas, ...espólio que consideramos mais tardio...*”²⁰.

Perante o quadro comparativo traçado com os monumentos da Serra da Aboboreira, ocorrem algumas considerações que nos parecem pertinentes: se em termos arquitectónicos a mamoa 10 da Cheira se poderia inscrever no tipo V de D. Cruz, os artefactos exumados inserem-se essencialmente nos monumentos de tipo I e II²¹. As enxós e as cerâmicas caneladas nunca aparecem em fases recentes e os micrólitos, que podem aparecer em contextos mais modernos, são muito típicos das fases antigas. Há ainda a considerar o espólio no seu conjunto que, *grosso modo*, parece indicar uma grande antiguidade. Assim sendo, pensamos que o monumento se inscreverá melhor numa fase antiga do fenómeno megalítico no Norte de Portugal, isto é, entre os finais do Vº e os meados do IVº milénio A.C.

Em fase posterior à redacção deste artigo e em momento imediatamente anterior à sua publicação recebemos o resultado da amostra de madeira carbornizada enviada para o LNETI, actual ITN. O resultado concorda totalmente com as suposições levantadas e deverá encarar-se, genericamente, como contemporâneo da construção do monumento, pois a amostra não é proveniente de carvões extraídos de um solo “antigo”, inexistente, mas de um tronco que as terras do *tumulus* cobriram.

ICEN-1268	4750±50 BP	Intersecções 3616, 3591 e 3525 cal BC	Curva de Stuiver e Pearson 1993 (1 sigma): 3632-3553 3549-3503 3418-3383	Curva de Stuiver e Pearson 1993 (2 sigma): 3645-3371
-----------	------------	---------------------------------------------	-----------------------------------------------------------------------------------------	---------------------------------------------------------------

¹⁸ Monumento de dimensões e de altura reduzidas, pouco visível na paisagem e com espólio, composto por um moinho manual fragmentado e por uma raspadeira em pedra (CRUZ & SANCHES 1985: 26-39).

¹⁹ CRUZ 1992: 70-71.

²⁰ CRUZ 1992: 71.

²¹ CRUZ 1992: 75.

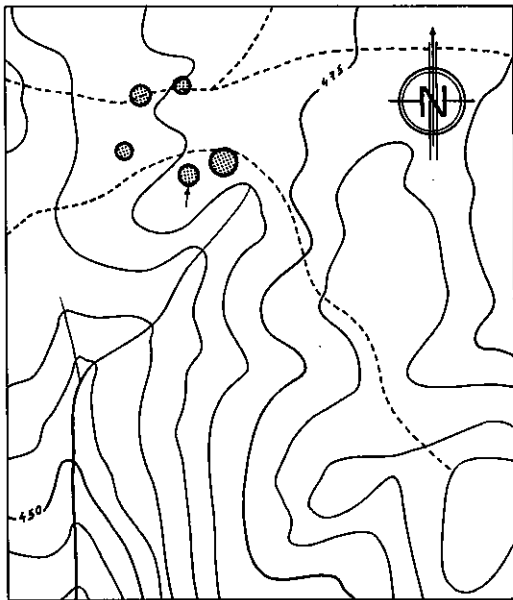
Em face do espólio e da classificação cronológica não parece possível conectarmos o monumento com o povoado mais próximo que conhecemos: o Castro do Barbudo, a cerca de 5,5Km para Sul, cuja ocupação mais antiga remonta aos finais do IIº, incios do Iº milénio A.C.

Seria no entanto de explorar o significado de alguns fragmentos cerâmicos ocorridos em dois perfis do planalto. Apesar de escassos e de dimensões exíguas pertencem a vasos manuais, de cor escura e apresentam pastas arenosas, heterogéneas e porosas. Se no perfil 1, no local do Couto, (M=527,55; P=174,25; 440m, folha n° 42) os fragmentos poderiam resultar de escorregamentos provenientes da violação da mamoa do Alto da Maronda ou Monte do Couto, que se situa a cerca de 200m a Oeste, já no perfil 2, conhecido por Chã do Gamoin (M=524,35; P=173,50; 390m, folha n° 42), na vertente Sul do monte do Bustelo, não detectámos quaisquer monumentos nas imediações, pelo que estas zonas de ocorrência de espólio deverão merecer uma atenção particular em futuros projectos de investigação.

BIBLIOGRAFIA

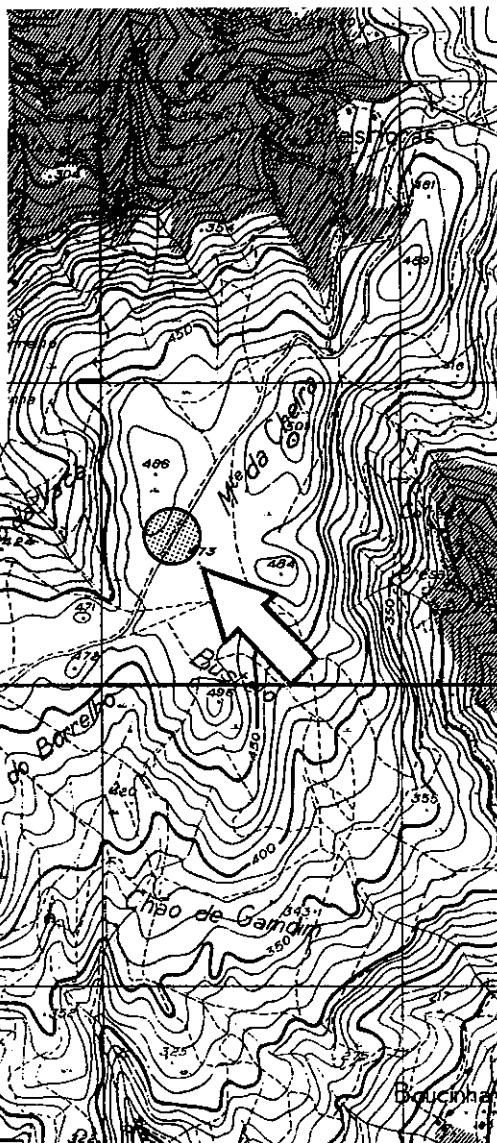
- ALONSO, F. & BELLO DIÉGUEZ, J. (1995). Aportaciones del monumento de Dombate al megalitismo Noroccidental: dataciones de carbono 14 y su contexto arqueológico, *Actas do 1º Congresso de Arqueologia Peninsular, Porto 1993, Trabalhos de Antropologia e Etnologia*, 35, (3), pp. 153-181.
- CRiado BOADO, F. (1988). Arqueología del paisaje y espacio megalítico en Galicia, *Arqueologia Espacial*, 12, Lisboa-Teruel, pp. 61-118.
- CRUZ, D.J. (1988). O megalitismo do Norte de Portugal, *Actas do Colóquio de Arqueologia do Noroeste Peninsular (Porto-Baião, 22 a 24 de Setembro de 1988), Trabalhos de Antropologia e Etnologia*, 28, (1-2), pp. 15-49.
- CRUZ, D.J. (1992). *A mamoa 1 de Chã de Carvalhal (Serra da Aboboreira)*, Ed. Conimbriga/ Anexos 1, Coimbra.
- CRUZ, D.J. & SANCHES, M.J. (1985). A escavação da mamoa 4 de Outeiro de Gregos (Serra da Aboboreira-Baião), *Arqueologia*, 11, Porto, pp. 26-39.
- FÁBREGAS VALCARCE, R. (1988). Megalitismo de Galicia, *Actas do Colóquio de Arqueologia do Noroeste Peninsular (Porto-Baião, 22 a 24 de Setembro de 1988), Trabalhos de Antropologia e Etnologia*, 28, (1-2), pp. 57-77.
- G.E.E.M. (1969). Epipaléolithique-Mésolithique. Les microlithes géométriques, *Bulletin de la Société Pré-historique Française*, 66, pp. 355-366.
- GONÇALVES, A.H.B. (1988). Escavação da mamoa da Touta (Serra da Aboboreira-Baião), *Arqueologia*, 16, Porto, pp. 58-72.
- GONÇALVES, A.H.B & CRUZ, D. (1994). Resultados dos trabalhos de escavação da mamoa 1 de Madorras (S. Lourenço de Ribapinhão, Sabrosa, Vila Real), *Actas do Seminário - O Megalitismo no Centro de Portugal. Mangualde, 1992*, Viseu, pp. 171-232.
- JORGE, S.O. (1990). A consolidação do sistema agro-pastoril, *Nova História de Portugal. Portugal das Origens à Romanização*, Lisboa, pp. 102-162.
- JORGE, V.O. (1982). *O megalitismo do norte de Portugal: o distrito do Porto - Os monumentos e a sua problemática no contexto europeu*, (2 vols). (Dissertação de Doutoramento, Faculdade de Letras, Porto).
- JORGE, V.O. (1985a). Micrólitos geométricos provenientes de monumentos megalíticos do Norte de Portugal: breve nota, *Trabalhos de Antropologia e Etnologia*, 25, (2-4), pp. 385-394.
- JORGE, V.O. (1985b). Les tumulus de Chã de Santinhos (Ensemble mégalithique de Serra da Aboboreira, Nord du Portugal), *Arqueologia*, 12, Porto, pp. 96-129.
- JORGE, V.O. (1987). Megalitismo de Entre-Douro-e-Minho e de Trás-os-Montes (Norte de Portugal): conhecimentos actuais e linhas de pesquisa a desenvolver, *Revista da Faculdade de Letras*, 4, Porto, pp. 269-286.
- JORGE, V.O. (1988). Campo arqueológico da Serra da Aboboreira. Arqueologia do Concelho de Baião. Resultados de 10 anos de trabalho, *Arqueologia*, 17, Porto, pp. 5-27.
- JORGE, V.O. (1991). Arqueologia social dos sepulcros megalíticos atlânticos: conhecimentos e perspectivas actuais, *Incursões na Pré-História*, Porto, pp. 57-151.
- JORGE, V.O.; JORGE, S.O.; COSTA, S.F. & CLETO, J.A. (1987). As mamoas de Furnas (Serra da Aboboreira),

- Arqueologia*, 16, Porto, pp. 19-39.
- JORGE, V.O. & BETTENCOURT, A.M.S. (1988). Sondagens arqueológicas na mamoa 1 de Chã de Parada (Baião, 1987), *Arqueologia*, 17, Porto, pp. 73-118.
- JORGE, V.O.; ALONSO, F. & DELIBRIAS, G. (1988). Novas datas de carbono 14 para as mamoas da Serra da Aboboreira, *Arqueologia*, 18, Porto, pp. 95-99.
- KALB, P. & M. HÖCK (1979). Escavações na necrópole de mamoas "Fonte da Malga" - Viseu, Portugal, *Beira Alta*, 38 (3), pp. 595-604.
- MERINO, J. M. (1969). Tipologia Lítica, *Munibe*, 21 (1-3).
- REGALO, H. (1986). Levantamento Arqueológico do concelho de Vila Verde - Notícia Preliminar, *Mínia*, 8, Braga, pp. 70-110.
- SILVA, F.A.P. (1982). A mamoa 2 da Serrinha. Serra da Aboboreira (Baião), *Arqueologia*, 6, Porto, pp. 19-31.

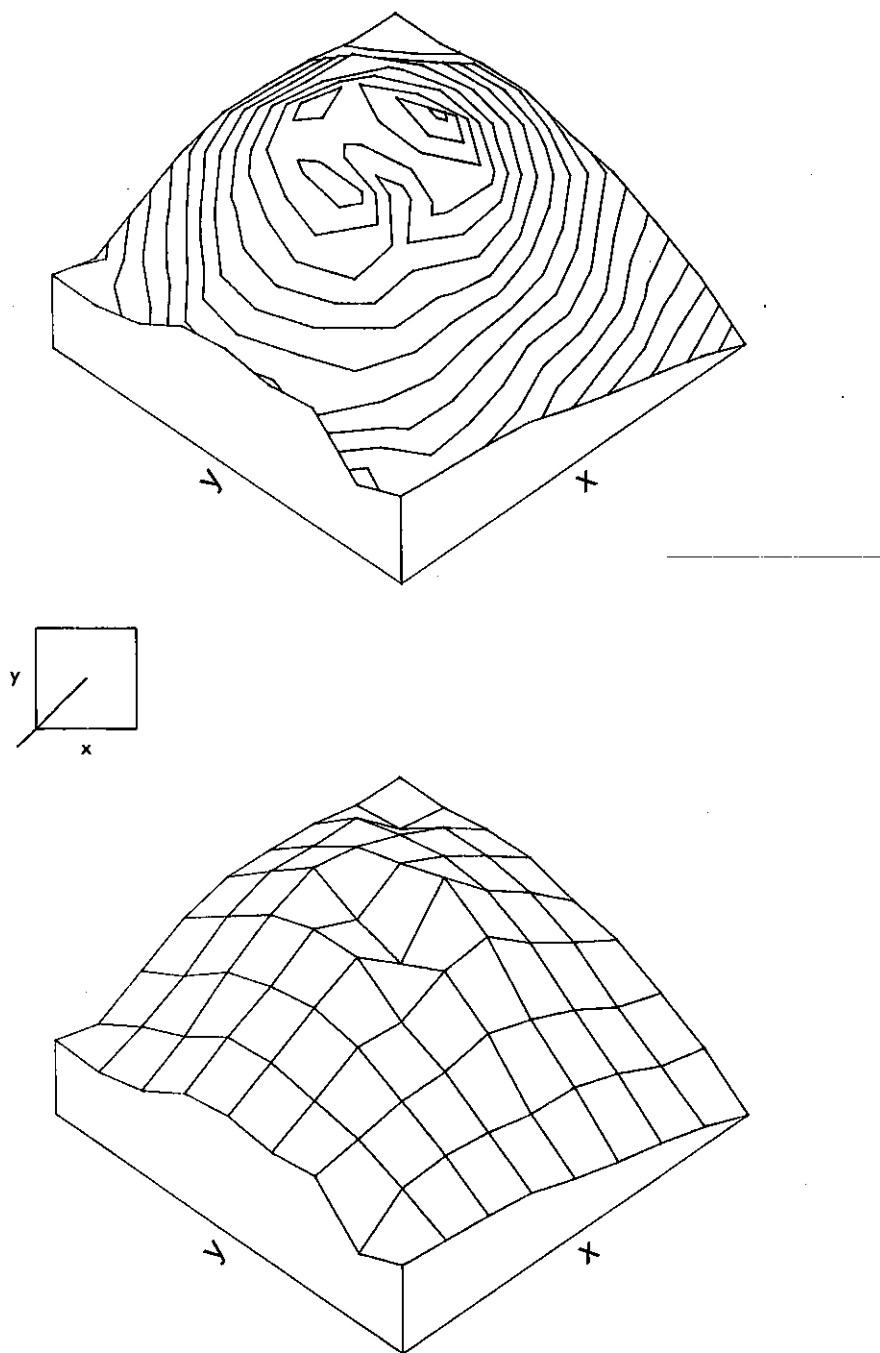


Escala: 1 / 5.000

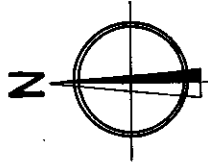
1. Localização do núcleo onde se insere o imóvel na Carta 1:5.000.



2. Localização da mamoa nº 10 do Chão da Cheira na Carta Militar de Portugal, esc. 1:25.000.

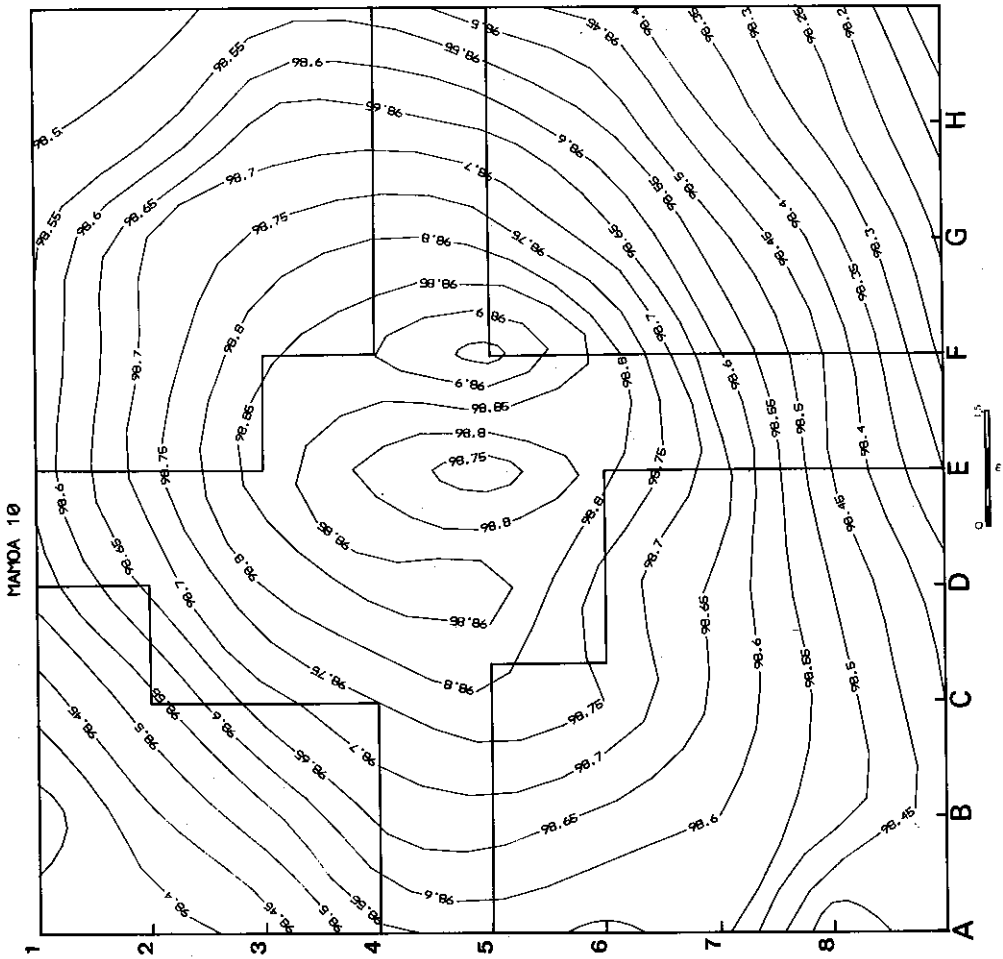


Vistas em perspectiva do monumento, segundo o programa Landview, versão 1.1.

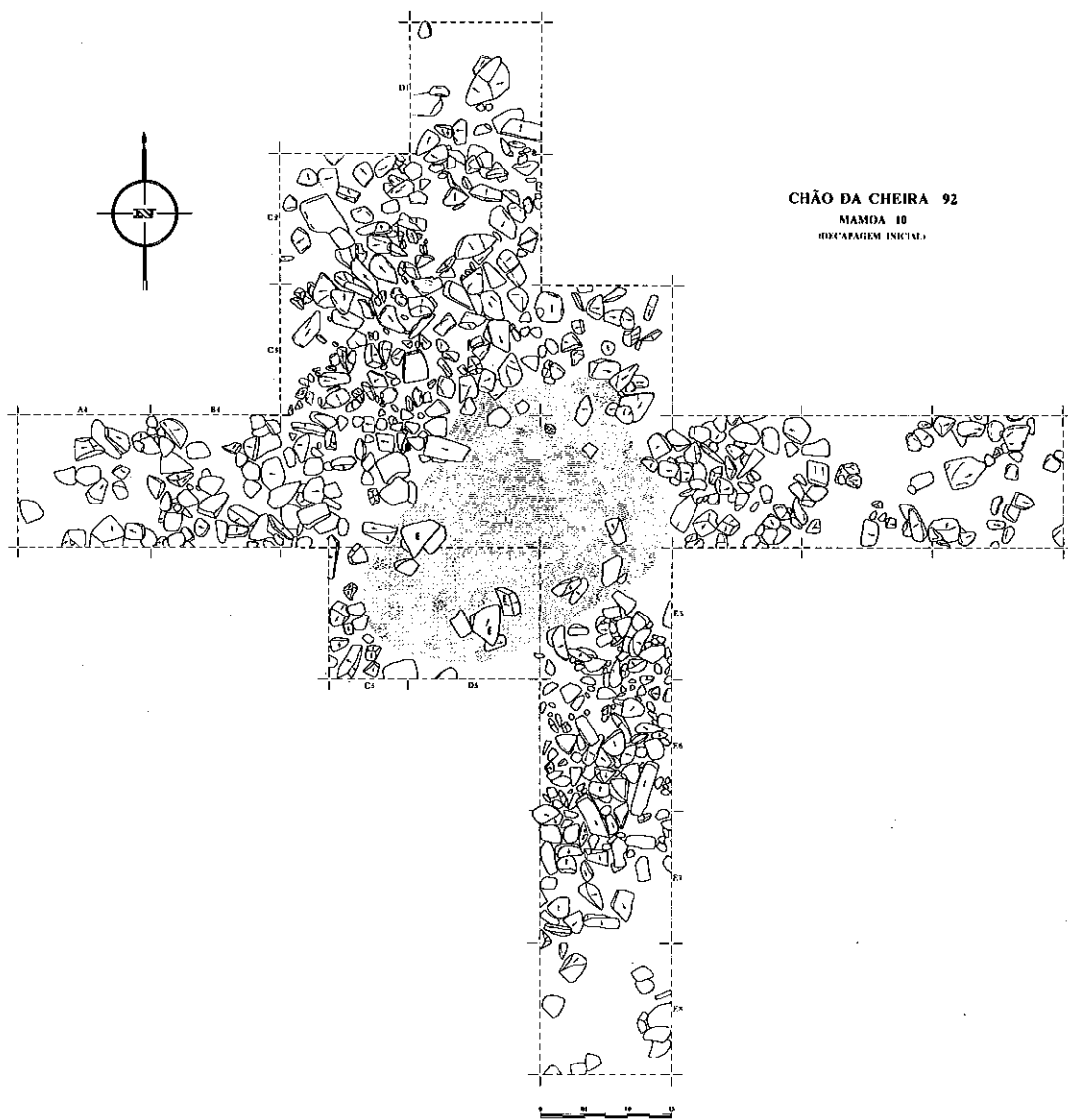


CHÃO DA CHEIRA
VILA VERDE - BRAGA

FEV. 1993

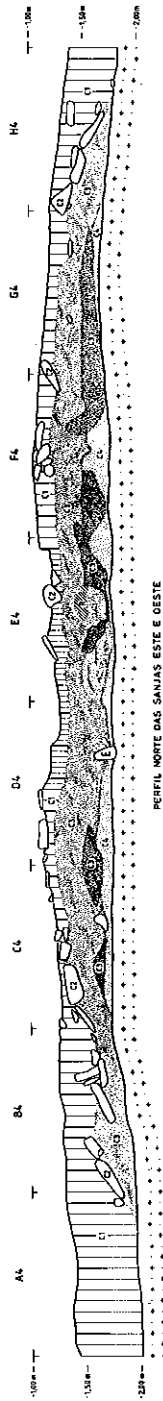


Mapa topográfico da mamoa, com indicação da área escavada.

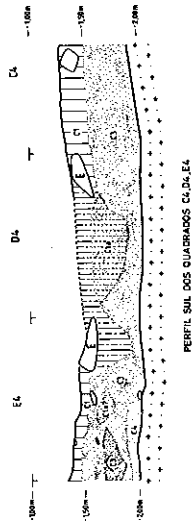


Vista geral do monumento após a decapagem superficial. Note-se a área central perturbada por antigas violações.

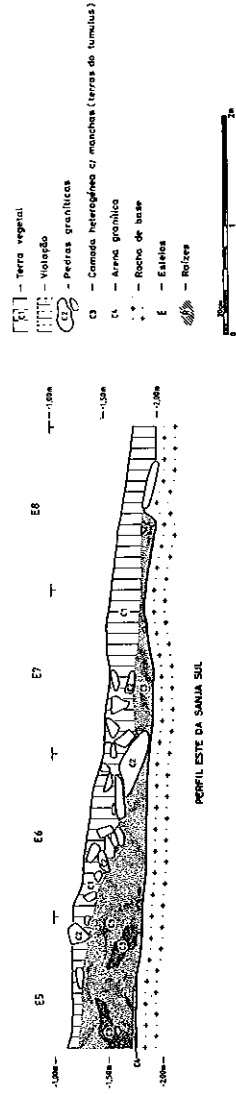
CHÃO DA CHERA-92
MAMOA 10



1. Perfil Norte das sanjas Oeste e Este. No quadrado D4 pode ver-se, *in situ*, a base de um esteio da câmara.



2. Perfil Sul dos quadrados C4, D4 e E4, correspondentes à área de violação da câmara.



LEGENDA

- [Hatched Box] - Terra vegetal
- [Dotted Box] - Violação
- [Stippled Box] - Pedras graníticas
- [Box with 'C'] - Camada heterogênea c/ manchas (terra de tumulus)
- [Box with 'A'] - Areias graníticas
- [Box with 'R'] - Racho de base
- [Box with 'E'] - Estalhos
- [Box with 'R'] - Raízes

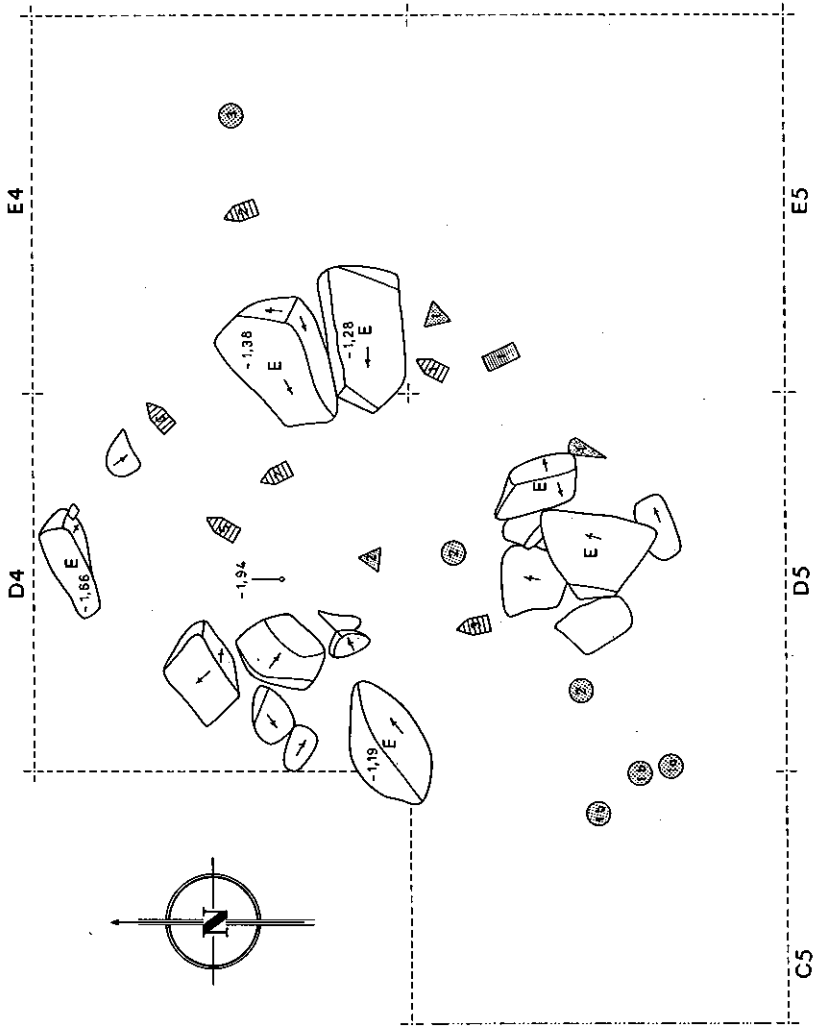


3. Perfil Este da sanja Sul.

CHÃO DA CHEIRA 92

MAMOÁ 10

(ÁREA DA CÂMARA)

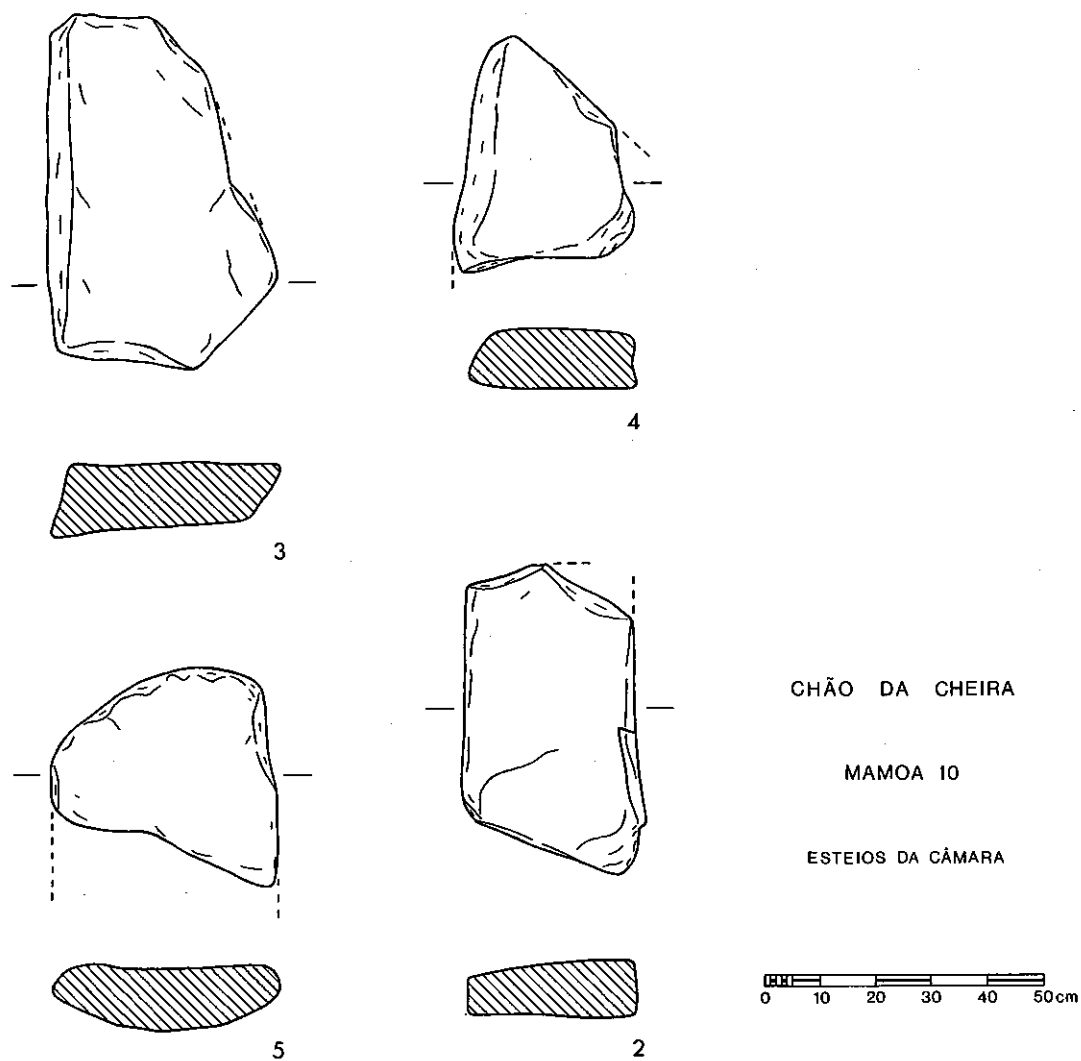


LEGENDA

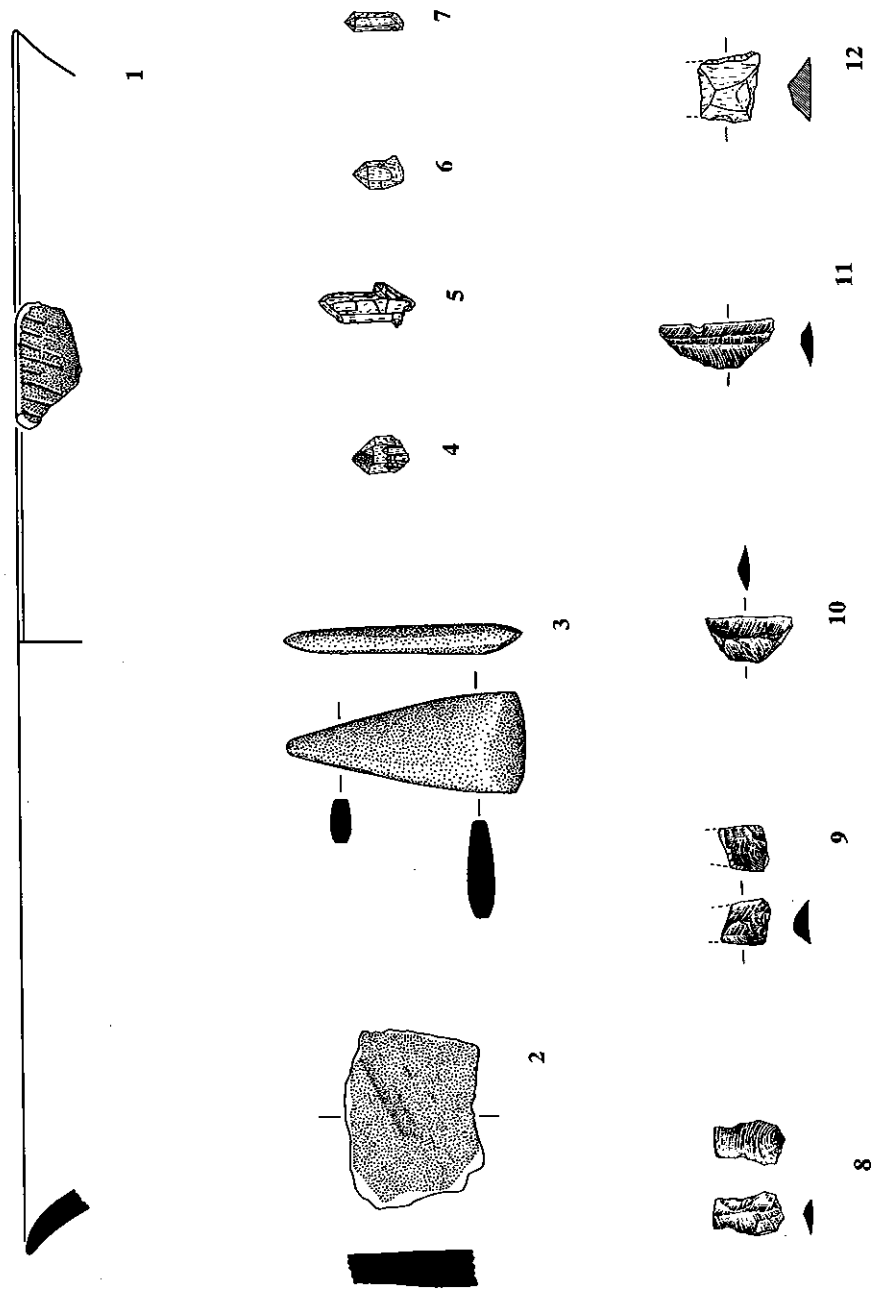
- E - Esteios (fragmentos)
- Cerâmica
- Micrólitos
- Enx6
- Lâminas e Lancetas
- Cristal de quartzo

Planta da área da câmara com a distribuição espacial dos achados.

Est. VIII



Esteios e fragmentos de esteios encontrados descontextualizados durante a escavação da mamoa.



Material cerâmico e lítico proveniente da mamoa. Esc. 1:2.
 1. Fragmento cerâmico decorado. 2. Fragmento cerâmico liso. 3. Enxó. 4, 5, 6 e 7. Cristais de
 quartzo. 8, 9 e 12. Lâminas e lamelas. 10 e 11. Microólitos geométricos.